



ENTRE O PEDAGÓGICO E O FILOSÓFICO: Um Estudo sobre a Didática da Filosofia

Alessandra Nascimento Braga¹

Aline Nascimento Braga²

Lélio Favacho Braga³

Maria Gilvania da Silva Alves⁴

Between the pedagogical and philosophical: A study on the didactics of philosophy

Entre el pedagógico y el filosófico: Un estudio sobre el didáctica de la filosofía

Resumo

O presente ensaio, de cunho bibliográfico e teórico, possui como objetivo primordial defender a existência de uma didática no ensino da filosofia na medida que se constrói um acesso simultaneamente pedagógico e filosófico em seu fazer educativo. Para uma melhor compreensão do presente tema, percebe-se o processo formativo do educando como intrinsecamente relacionado à cultura, na qual a forma filosófica de conhecimento desenvolve papel importante na construção do processo de autonomia do sujeito. Nas reflexões finais, defende-se que o ensino da Filosofia está atrelado a uma didática, pois, na medida em que existe o seu ensino, é claro e evidente que existe uma didática envolvida nesse processo. A questão da didática no ensino da Filosofia assemelha-se à questão da Didática Geral, ou seja: deixar claro e distinto a fronteira entre a organização do fazer pedagógico e a forma que o conteúdo é disposto no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Filosofia. Didática. Formação.

Abstract:

The present essay, of bibliographic and theoretical nature, has as its primary objective to defend the existence of a didactic in the teaching of Philosophy as a simultaneously pedagogical and philosophical access is built in its educational practice. For a better understanding of this theme, the student's formative process is perceived as intrinsically related to culture, in which the philosophical form of knowledge plays an important role in the construction of the subject's autonomy process. In the final reflections, it is argued that the teaching of philosophy is linked to a didactics, because, insofar as there is teaching, it is clear and evident that there is a didactic involved in this process. The issue of didactics in the teaching of Philosophy is similar to the issue of General Didactics, that is: to make clear and distinct the boundary between the organization of pedagogical practice and the way in which the content is disposed in the teaching and learning process.

Keywords: Philosophy. Didactics. Formation.

1. Professora Doutora em Física do Campos de Bragança/PA, Instituto de Estudos Costeiros, Universidade Federal do Pará (UFPA).

2. Doutoranda em Educação em Ciências e Matemáticas no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática - PPGECM, do Instituto de Educação Matemática e Científica - IEMCI, da Universidade Federal do Pará (UFPA).

3. Doutor em Educação. Atua como Professor Efetivo em Filosofia - Polo Belém/PA, Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA).

4. Especialista em Filosofia da Educação, Universidade Federal do Pará (UFPA).

Resumen:

El presente ensayo, de carácter bibliográfico y teórico, tiene como principal objetivo defender la existencia de una didáctica en la enseñanza de la Filosofía ya que construye un acceso a la vez pedagógico y filosófico en su práctica educativa. Para una mejor comprensión del presente tema, se percibe el proceso formativo del estudiante como intrínsecamente relacionado con la cultura, en la que la forma filosófica del conocimiento juega un papel importante en la construcción del proceso de autonomía del sujeto. En las reflexiones finales, se argumenta que si existe la enseñanza de la Filosofía, obviamente hay didáctica para ello, notando que la cuestión de la didáctica en la enseñanza de la Filosofía es similar a la cuestión de la didáctica general, es decir: hacer clara y distinta la frontera entre la organización de la práctica pedagógica y la forma en que se organiza el contenido en el proceso de enseñanza y aprendizaje.

Palabras clave: Filosofía, didácticas, Formación.

1. INTRODUÇÃO

A ação investigativa da Filosofia é norteadada pelo rigor epistemológico sobre o problema refletido sistematicamente: o objetivo consiste em não deixar acontecer a "dispersão" no percurso do processo de análise reflexiva desembocando em questões sem tanta relevância. A Filosofia apresenta caráter interdisciplinar na argumentação por se valer de sua visão do todo em relação às outras áreas do conhecimento e, até mesmo do senso comum, na refutação ou afirmação das hipóteses. A forma filosófica de conhecimento ajuda na formação do sujeito e, formação consiste numa construção, que leva em consideração a cultura e a realidade histórica do aprendiz, no diálogo com as questões em análise.

É de suma relevância que a abordagem filosófica seja radical, tenha rigor e conjunto, pois não pode ser fechada em si mesma. Em geral, as aulas de Filosofia ocorrem por meio de leitura de textos e aulas expositivas, entre outras formas. A partir disso, os alunos produzem textos, observando conceitos da Filosofia refletidos em sala de aula. No contexto do ensino básico, o educando necessita desenvolver autonomia. Nesse sentido, a Filosofia é um elemento importante e soma no currículo formativo de qualquer nível de ensino ajudando na transformação do ente natural em sujeito cultural, pois "não nascemos humanos, nós nos tornamos humanos" (SEVERINO, 2010, p. 59).

A Filosofia contribui para a inserção do indivíduo enquanto transformador de sua realidade ajudando-o a interagir com outros humanos e com o mundo. Nesse viés, o conhecimento deve ser construído junto com o aluno, e não depositado em sua cabeça como no saber estático. Para Saviani (2005, p. 78), "socialização de um saber supõe um saber existente, mas isso não significa

que o saber existente seja estático e acabado. É um saber suscetível de transformação, mas sua própria transformação depende de alguma forma do domínio deste saber pelos agentes sociais".

O fazer educativo do saber estático consiste em um obstáculo no processo formativo. Na contramão disso, o exercício do filosofar talvez cause "desordem interior". Nesse sentido, "a primeira coisa a fazer, no exercício do filosofar, é dar-se conta dos conceitos e valores que estão 'explicando' e dirigindo nossa prática" (LUCKESI, 1990, p. 42). Dessa forma, "até que ponto um professor e um aluno de filosofia testemunham sua desordem interior? Até que ponto a conservam?" (CHAUÍ, 1982, p. 05). Prosseguindo com os questionamentos, Chauí argumenta: "em que condições o fazem, a partir do momento em que a Filosofia se converte numa disciplina ou num corpus de conhecimento transmitidos e adquiridos no interior de uma instituição estatal?" (CHAUÍ, 1982, p. 05).

O exercício do filosofar pressupõe uma didática e, se há uma didática, há o ensino da Filosofia nesse envolvimento. De acordo com Ghiraldelli Jr. (2002, p. 32), "se a filosofia pode ser ensinada, há uma didática para ela. E como a filosofia pode, certamente, ser ensinada - pois é ensinada desde seus primeiros dias -, não há como negar que alguma didática é empregada no seu ensino". A Filosofia envolve reflexões fundamentais relativas à mente e à linguagem, ao conhecimento: aborda a lógica, existência, realidade, verdade, valores morais, éticos e estéticos, entre outros.

Portanto, quando a Didática da Filosofia realiza sua dimensão filosófica, ela concretiza sua natureza na atividade formativa; assim, a Filosofia é Paideia. A "filosofia se torna uma paideia⁵, na medida em que, necessariamente, se destina a formar a coletividade

humana" (SEVERINO, 2012, p.03). A forma filosófica de conhecimento é imprescindível no sentido de organizar as ideias do aprendiz ajudando-o a construir um meio de pensar/refletir mais ativo frente ao mundo. Essa e outras questões serão percebidas no presente estudo, de caráter bibliográfico e teórico o qual tem como objetivo primordial defender a ideia de que, se há ensino da Filosofia, obviamente existe didática nesse envolvimento.

2. FORMAÇÃO E EXERCÍCIO DO FILOSOFAR: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A proposta do presente tópico é evidenciar que a práxis filosófica é necessária na medida em que se entende formação como possibilidade de desenvolver no homem a capacidade de pensar criticamente, de refletir sobre os acontecimentos da vida concreta e da história, assim como sobre os rumos dessa mesma história numa ação humana, intencional e transformadora, via construção do conhecimento, no ato do filosofar. O exercício do filosofar consiste numa construção e, quando o conhecimento é construído, a tendência é ocorrer a aprendizagem significativa, fazendo sentido para o aprendiz ao relacionar sua história, sua experiência de vida, entre outros elementos culturais, no fazer educativo.

Pode-se dizer que o exercício do filosofar:

É o momento de inventariar conceitos e valores que se tornaram comuns em nossa prática e que estão dando forma às nossas condutas afetivas, intelectuais, morais, políticas, familiares... Não há como estabelecer uma crítica dos nossos conceitos e valores se nós não os conhecermos, se nós não temos ciência de que são eles que estão informando o nosso modo de ser e agir. Tendo ciência dos conceitos e valores que "explicam" e gerem nossas vidas, importa fazê-los passar pelo crivo de nossa crítica, perguntando se eles de fato são significativos para nossas vidas no mundo; se ainda aceitamos esses conceitos e valores como aqueles que são importantes para dar significado ao nosso modo de ser e de conduzir. É uma situação de dúvida e de crise. (LUCKESI, 1990, p. 42 e 43).

A formação consiste numa construção e, nesse sentido, "a maneira pela qual o homem percebe a concretude de sua vida está intrinsecamente relacionada à cultura"

(BRAGA et al., 2020, p. 144). Segundo Marx (2007, p. 94), "não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência". As relações sociais e a maneira de produção delineiam as ações da criatura humana nas decisões tomadas. Não é clara a presença do emaranhado que consiste a leitura do mundo, cheia de condicionantes, por isso há os que não percebem que "o social não é produto dos indivíduos; pelo contrário, os indivíduos é que são um produto social" (VAZQUEZ, 1977, p. 331), no qual "a individualidade [...] não é um ponto de partida; é algo que o homem conquistou – e enriqueceu – num processo histórico-social" (VAZQUEZ, 1977, p. 331). Um dos trabalhos do ser humano está em construir a sua própria natureza e a forma filosófica de conhecimento existe para ajudar nessa construção.

Para Marx a especificidade do homem se destaca sobre o fundo das características que ele tem em comum com os animais. Seja o homem, seja o animal se definem pelo tipo de relação que os une à natureza, isto é, pela forma como vivem sua vida. Ora, enquanto o animal é sua própria vida, ao homem cabe produzir a sua. Essa produção da própria vida irá implicar, no homem, os predicados especificamente humanos da consciência-de-si, da intencionalidade, da linguagem, da fabricação e uso de instrumentos da cooperação com seus semelhantes (VAZ, 2014, p. 136-137).

De acordo com o processo histórico-social, a formação carrega consigo o esforço que assinala a ideia de homem como sujeito transformador de sua realidade, observando a compreensão do sentido que constitui a existência sob mediações na construção da condição humana. O processo formativo afasta paulatinamente a criatura humana de seu estado inicial de ente biológico.

[...] em seu sentido mais profundo, a formação é a realização do humano no indivíduo natural que somos, ao nascermos na espécie biológica a que pertencemos. Portanto, está em pauta a transformação de um indivíduo puramente natural num sujeito cultural, na verdade, realizando sua condição de ente especificamente humano. Daí a consagrada expressão filosófica, de acordo com a qual nós não nascemos humanos, nós nos tornamos humanos (SEVERINO, 2010, p. 59).

A explicação da presença da Filosofia enquanto área do conhecimento integrada ao currículo de Ensino Médio é fundamentada pelo aporte que a disciplina proporciona ao educando de construir um poder de reflexão autônomo e crítico como resultado do exercício do

5. A noção de Paidéia é ampla e está inserida em um contexto histórico. A ideia de Paideia, neste trabalho está de acordo com os estudos de Severino (2012) e Braga (2017, p.17): "Por Paideia, entende-se a ação educativa pela qual se busca o desenvolvimento das potencialidades do cidadão numa perspectiva humana e transformadora da realidade dos indivíduos".

filosofar. "O resultado final do nosso exercício do filosofar, que será o nosso pensamento filosófico constituído, usualmente se apresenta como um discurso que, a partir de uma crítica do existente, encaminha novos entendimentos e novos caminhos para a ação". O mesmo autor complementa:

Observando-se o exercício do filosofar dos pensadores clássicos, que foram consagrados como filósofos, percebemos que eles processam esse caminho. Só para citar alguns: Aristóteles inventariou o pensamento de sua época, criticando-o, para avançar em sua compreensão dessa realidade; Kant, em sua *Crítica da Razão Pura*, retoma os conceitos anteriores sobre o conhecimento, critica-os e propõe nova perspectiva; Herbert Marcuse, em suas obras *Ideologia da Sociedade Industrial e Eros e Civilização*, toma os conceitos e valores da sociedade industrial, critica-os, e reencaminha um entendimento da necessária compreensão humana da vida em sociedade. E, assim, outros! Temos, pois, uma trilha metodologicamente feita no processo histórico do filosofar. Importa compreendê-la e exercitá-la no nosso cotidiano de meditação filosófica: meditação necessária a todos nós, se, conscientemente, desejamos assumir uma direção crítica para nossa prática diante do mundo e da vida (LUCKESI, 1990, p. 42).

Sendo assim, o docente incumbido do fazer educativo da Filosofia aparece como agente importante da formação, o responsável pela condução do processo de construção do pensamento crítico e autônomo em sala de aula. Para Apis e Gallo (2009, p. 43), "o que justifica a presença da filosofia como disciplina no currículo do Ensino Médio é a oportunidade que ela oferece aos jovens estudantes de desenvolverem um pensamento crítico e autônomo".

A formação e seus elementos qualificativos apontam para o aluno como sendo a peça central do processo de ensino e aprendizagem, processo este que consiste num devir epistemológico. "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 1996, p. 12). Isto sinaliza para a percepção a qual não é apenas o professor que ensina e que não é somente o aluno que aprende nesse encontro epistemológico recheado de diálogos. No pensamento de Freire (1980, p. 23), "o diálogo é um encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orienta-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar".

O fazer educativo que mostra a crença que o docente educa e está ali somente para ensinar e o educando para aprender, sem haver a reciprocidade epistêmica, denota a pobreza da práxis educativa. A ação formativa torna-se imprescindível quando o docente entende que sua

função é de mediador na construção do conhecimento, fazendo uso da ação do diálogo em sala de aula. "Para pôr em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo" (GADOTTI, 1999, p. 02).

Quando acontece o contrário do exposto anteriormente, o processo de ensino e aprendizagem fica prejudicado justamente pelo docente entender que não existe mais nada para aprender, principalmente com o aluno e o capital de conhecimento que este traz de sua realidade cultural. Por exemplo, não se pode dizer que no analfabeto não há conhecimento: "o analfabeto não é um homem 'perdido', fora da realidade, mas alguém que tem toda a experiência de vida e por isso também é portador de um saber" (GADOTTI, 1999, p. 02).

Aprender pressupõe conhecer o sentido de alguma coisa, porém, o que se faz com o aprendido e qual a sua finalidade? Este conhecimento consiste em sustentação para outras apreensões epistemológicas, mesmo que estas contestem concepções prévias. Em outros termos, não consiste no acúmulo de conhecimento, mas significa estar aberto e à procura do conhecimento. Ensinar significa abrir-se para a via de mão dupla que é o processo pedagógico dialético. Nesse sentido, quando se ensina concomitantemente se aprende e essa aprendizagem é fruto do devir epistemológico. Aprende-se com a ação pedagógica e se aprende do ato pedagógico, por isso que ensinar, também, está relacionado a aprender.

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto - alguma coisa - e um objeto indireto - a alguém. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa (FREIRE, 1996, p. 12).

Refletir sobre o processo epistemológico de ensino e aprendizagem é construir conhecimento para provocar a

ressignificação deste em realidades culturais. O exercício do filosofar ajuda nesse processo.

O exercício do filosofar faz-se em três passos fundamentais, que são distinguíveis somente de forma didática, já que na prática eles podem se dar simultaneamente. Como vimos, anteriormente, a filosofia é um processo de pensar a realidade e o mundo de tal forma que ela desvenda criticamente os conceitos e valores que compreendem e direcionam a vida humana assim como, criticamente, ela propõe conceitos e valores que possam e devam orientar a vida humana individual e social. Desse entendimento decorre o caminho metodológico do exercício do filosofar; isto é, a prática do filosofar vai de um inventário dos conceitos e valores que no momento "explicam" a vida humana, passando por sua crítica e chegando a uma proposição de novos conceitos e valores, que incorporam os anteriores, por superação (LUCKESI, 1990, p. 42).

O exercício do filosofar consiste numa construção e, quando o conhecimento é construído, a tendência é ocorrer a aprendizagem significativa. Do contrário, privilegia a simples memorização de conteúdos, num processo de formação mecânica cuja mudança, caso haja, é superficial, sem consistência, sujeita e restrita a um processo cerebral que não afeta as atitudes, comportamentos, habilidades, nem exercita um pensar crítico-reflexivo.

O ensino acontece no espaço do não-saber e a superação deste status quo acontece quando existe o envolvimento da vontade de aprender. Dependendo do tipo de formação, aprender implica em mudanças de comportamento para algo mais solidário, distanciando significativamente o ser humano de seu estado inicial de ente biológico. O sujeito passa a entender as questões implícitas e explícitas da vida – dos contextos e leituras do real –, passa a entender o sentido e o pensado, o subjetivo e o objetivo, o individual e o coletivo, numa lógica que reflete sobre a divergência na intenção de uma unidade que só é possível porque acontece do contraste entre as subjetividades envolvidas no processo de construção do conhecimento.

Portanto, o esforço da formação discente exige do docente uma postura democrática e pedagógica frente àqueles que ainda estão se adaptando às dinâmicas do fazer educativo filosófico. O intuito seria o de evitar a falta de compreensão de seus elementos formativos no processo de ensino e aprendizagem para promover o desenvolvimento do senso crítico nos educandos. O ensino é uma arte e, assim, por meio da prática da ação da didática, ele constrói o ser humano em várias dimensões para a vida.

3. POR UMA DIDÁTICA NO ENSINO DA FILOSOFIA

De um modo geral, a didática traduz-se em métodos e técnicas de ensino e possui como missão viabilizar a aprendizagem. Para Libâneo (2013, p. 59), a didática "aparece quando os adultos começam a intervir na atividade de aprendizagem das crianças e jovens através da direção deliberada e planejada do ensino, ao contrário das formas de intervenção mais ou menos espontâneas de antes". Nesse sentido, a didática consiste num método de ensino que aparece no tempo do chamado processo de institucionalização escolar, o qual coloca como imprescindível a intervenção direta, intencional e sistêmica da ação pedagógica no processo formativo. Libâneo (2002, p. 05) conceitua a didática como sendo "uma disciplina que estuda o processo de ensino em seu conjunto no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa".

A didática carrega consigo aspectos teóricos e práticos, ocupando-se da arquitetura e execução do processo de ensino-aprendizagem. Para Libâneo (2004, p. 05), a didática "tem o compromisso com a busca da qualidade cognitiva das aprendizagens" e está vinculada à própria aprendizagem do pensar. Sendo assim, a didática realiza sua função quando auxilia o educando em relação às questões da vida prática ao utilizar conceitos de modo sistemático, crítico e reflexivo na arquitetura e execução do processo formativo. Em suma, a didática é responsável pelas maneiras de produzir estratégias no ensino e aprendizagem utilizando teorias para as práticas educativas.

A grosso modo, o problema da didática geral é um só: estabelecer o limite entre o que está sendo organizado, de maneira a ser melhor apreendido pelo estudante, e o assunto propriamente dito, como ele aparece classicamente na história do conhecimento. Assim, o problema da didática da Filosofia é, *mutatis mutandis*, o mesmo que o da didática geral - falando através de um exemplo: como posso organizar os argumentos de Pierce contra Descartes, de modo que eu venha a ser compreendido pelos meus estudantes sem, no entanto, trair o consenso que existe entre os bons professores de Filosofia a respeito do que disse Pierce na sua oposição a Descartes? Se consigo uma narrativa sobre isso que satisfaça as necessidades intelectuais de meus alunos e, ao mesmo tempo, tenha a bênção do crivo da crítica de meus bons pares e das minhas próprias exigências, realizei um bom trabalho didático em Filosofia, no que se refere a começar a explicar onde é que o pragmatismo dá início ao seu combate ao cartesianismo (GHIRALDELLI JR., 2002, p. 32).

Para Ghiraldelli Jr. (2002) a Didática Geral e a Didática da Filosofia tratam do mesmo problema: como organizar os conteúdos a serem ensinados intencionando a otimização do aprendizado do estudante. Diante desse questionamento, pode-se intuir que pensar em didática é refletir antes da ação. Quando há ensino, obviamente, há didática. "Se a Filosofia pode ser ensinada, há uma didática para ela. E como a Filosofia pode, certamente, ser ensinada - pois é ensinada desde seus primeiros dias -, não há como negar que alguma didática é empregada no seu ensino" (GHIRALDELLI JR., 2002, p. 32).

Para o professor de Filosofia, que estudou Pierce e estudou Descartes, e que se lembra das dificuldades que passou com um e com outro, não vejo razões para, agora, uma vez mais velho, esquecer essas dificuldades e simplesmente acreditar que as novas gerações devem bater a cabeça nos mesmos lugares em que ele bateu. Um professor de Filosofia precisa entender de modo plausível a frase que Aristóteles teria dito a Alexandre, de que "não há atalho (caminho) real para a Filosofia", diante da insistência de Alexandre em aprender, sem tanto esforço e demora. O grego não estava dizendo ao macedônio que ele precisava bater a cabeça nos mesmos lugares comuns de todos os estudantes, mas apenas avisando que ele, Alexandre, na Filosofia, não poderia dirigir seu cavalo intelectual como ele o fazia no trânsito da época com o seu próprio cavalo, ou seja, permitindo pegar estradas proibidas ao cidadão comum, mas abertas ao imperador. A Filosofia possui regras. O aprendizado da Filosofia idem. Essas regras são, exatamente, a didática da Filosofia - no caso, a didática da Filosofia que Aristóteles estaria usando para educar Alexandre (IDEM).

A forma filosófica de conhecimento consiste em um fecundo espaço no qual se instala a práxis pedagógica, mas orientada por uma ideia de homem, uma compreensão de conhecimento e uma conceituação política. Nessa perspectiva, não levar em conta a percepção da referida questão é recusar a oportunidade de qualquer exame filosófico a respeito da formação. A análise filosófica não se encerra no bom emprego de metodologias educativas, ela consiste no exercício de ouvir e pronunciar "façam comigo", construindo o conhecimento na divergência de opiniões norteadas pelo fazer educativo. Enquanto Paidéia (formação), um dos esforços da Filosofia está em tornar compreensível a realidade no sentido de ampliar a leitura de mundo no educando.

Os filósofos estão profundamente associados ao surgimento da pedagogia, uma vez que esta é decorrente de uma reflexão sobre a Paidéia, fazendo com que as questões filosóficas que tentam explicar racionalmente o mundo sejam as mesmas que são tratadas com os discípulos, os cidadãos da polis, que precisam preparar-se para a vida política (COSTA, 1995, p. 67).

Por vezes, a Filosofia é colocada em sala de aula dentro dos moldes de uma formação que se limita a trabalhar conteúdos meramente informativos. Tal formato não contempla a ideia de construção de conhecimento. A Filosofia "não se reduz ao domínio de um acervo de conteúdos informativos, nem mesmo de um conjunto de determinadas habilidades lógicas (SEVERINO, 2011, p. 58). Não é a questão de construir com o educando uma aprendizagem erudita como nos moldes acadêmicos, a intenção é a de auxiliá-lo "a desenvolver uma forma de apreensão e de vivência da própria condição humana, também há o amadurecimento de uma experiência à altura da dignidade dessa condição e uma experiência que possa contribuir para a condução de sua existência histórica" (SEVERINO, 2011, p. 58).

A atividade filosófica não é tarefa fácil de realizar e possui um *modus operandi* singular no processo de ensino e aprendizagem. No caso do ensino básico, isso acontece porque "não se tem o cuidado com a escolha do texto filosófico, ou seja, no que diz respeito a quê, e em como fazer o exercício filosófico por meio dele" (BRAGA, 2015, p. 37). Sobre isso, Chauí (2006) observa que:

[...] atividade filosófica capta a Filosofia como análise (das condições da ciência, da religião, da arte, da moral), como reflexão (isto é, volta da consciência para si mesma para conhecer-se enquanto capacidade para o conhecimento, o sentimento e a ação) e como crítica (das ilusões, dos preconceitos individuais e coletivos, das teorias e práticas científicas, políticas e artísticas), essas três atividades (análise, reflexão e crítica) estando orientadas pela elaboração filosófica de significações gerais sobre a realidade e os seres humanos. Além de análise, reflexão e crítica, a Filosofia é a busca do fundamento e do sentido da realidade em suas múltiplas formas indagando o que são, qual sua permanência e qual a necessidade interna que as transforma em outras.

É de fundamental importância não abdicar do devir que envolve o desenvolvimento epistemológico da forma filosófica de conhecimento. Do contrário, seria tal qual uma via na qual o processo formativo não constrói o conhecimento, tendo a ilusão de o repassar. No ensino básico, Lorieri (2011, p. 02) assevera que se requer da educação filosófica "situações vividas que podem ser retomadas; peças teatrais; filmes; pequenos textos; pequenas histórias; etc."

A Filosofia não necessita ser lecionada, nem muito menos aprendida, para se constituir Filosofia. Seria, então, o seu ensino algo secundário em relação à investigação filosófica ou ele faz parte da Filosofia? Existem conjecturas nesse questionamento e até um

paradoxo. É possível observar que o fato de existir interdependência do ensino da Filosofia em relação à Filosofia suscita o entendimento que o filosofar não consistiria em algo secundário, mas, sim, em uma ação pedagógica da Filosofia e num ato interativo e simultâneo da ação do filosofar. Nesse sentido, é possível intuir que existe uma didática no seu ensino. Por exemplo, “quem conhece o texto que Descartes fez para divulgar suas ideias sabe muito bem que o que não falta ali é o rigor – rigor não no sentido de dificultar a leitura, mas, ao contrário, um rigor filosófico e, ao mesmo tempo, didático, no sentido de tornar a leitura fluente” (GHIRALDELLI JR., 2002, p. 33). E continua:

O ponto chave que toda didática procura é possível de ser achado para todo e qualquer assunto, ainda que certos assuntos ou partes deles tenham de ficar restritos, obviamente, a certas faixas etárias. A Filosofia não escapou disso. Descartes, por exemplo, escreveu tanto reflexões filosóficas e tratados como também textos com os quais ele queria ver seu modo de pensar divulgado, acessível, absorvível. Nesse sentido, Descartes não é só o pai da Filosofia moderna, é também, no campo do próprio ensino da Filosofia, um espírito moderno par excellence. Há quem diga, até que ele e Comênio chegaram a marcar um encontro, para conversar, provavelmente, sobre manuais didáticos e sobre otimização do ensino. Esse encontro não ocorreu, mas o fato de ele ter sido, talvez, agendado, demonstra que Descartes se mostrava, ao contrário de muitos professores de Filosofia de hoje, como alguém que nada tinha de pedante. Estava longe dele a idéia de colocar o saber filosófico em uma redoma de vidro, cultuado como um gato sagrado egípcio ou uma vaca na Índia ou qualquer outro tipo de totem (GHIRALDELLI JR., 2002, p.33).

Infelizmente, ainda existem aqueles que insistem em tentar desvincular a Filosofia do próprio ensino: “todos que quiseram separar a Filosofia do ensino da Filosofia não fizeram nem uma coisa nem outra, foram apenas espantalhos em departamentos de Filosofia caducos” (GHIRALDELLI JR., 2002, p. 34). Desvincular a Filosofia do próprio ensino consiste num contrassenso, pois se existe ensino para a Filosofia é evidente que existe didática nesse envolvimento. Além disso, vale observar que o “ensino de Filosofia não é algo que se resolve com reuniões para falar dele, é algo que só melhora se os professores de Filosofia, ao invés de falarem dele, ensinarem Filosofia” (GHIRALDELLI JR., 2002, p. 34).

Diante do exposto, entende-se ser uma temeridade negar a existência de uma didática no ensino da Filosofia, não existe maneira de realizar tal desassociação, é impossível. O aprendizado da Filosofia possui regras que são praticadas no exercício do filosofar por meio de uma didática que remete a um ensino e vice-versa, “A Filosofia

possui regras. O aprendizado da Filosofia idem. Essas regras são, exatamente, a didática da Filosofia” ((GHIRALDELLI JR., 2002, p. 32). Conforme mencionado na primeira parte do presente estudo, o exercício do filosofar possui como “produto” o pensamento filosófico construído. Assim, os saberes que uma reflexão constrói seguindo determinadas regras adquirem a capacidade de serem compreendidos por outras pessoas no exercício de construção pedagógica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização do presente trabalho, foi possível fazer algumas constatações. Primeiramente, observou-se que a Didática em Filosofia se confunde com a didática no geral. Então, surgiu a questão: isso se estende para a especificidade da Filosofia? Quer dizer, a especificidade da Filosofia é a mesma dos outros saberes no geral, como desenvolvimento do pensamento crítico? Somente a Filosofia tem esse caráter? Entende-se que, se há o ensino da Filosofia, obviamente existe didática nesse envolvimento, pois o que qualquer didática busca é plausível de ser encontrado em qualquer assunto, por mais que determinados temas fiquem restritos, evidentemente, a determinado intervalo de idade. A Filosofia é rigorosa e esse rigor faz sua leitura, isso é didático. Ela é constituída de regras, seu aprendizado também. Tais regras consistem, literalmente, na didática da Filosofia.

O sentido da educação filosófica está em perceber a necessidade da criatividade metodológica no fazer educativo. Por certo, há uma Didática da Filosofia que ocorre quando se obtém um acesso simultaneamente pedagógico e filosófico no fazer educativo. Em outros termos, quando a Didática da Filosofia realiza sua dimensão filosófica, ela concretiza sua natureza de Paideia na atividade formativa. Dessa forma, o fazer educativo da Filosofia nas instituições de ensino soma positivamente com os outros saberes e consiste em via importante, proporcionando impactos positivos na formação do educando por meio do exercício de seu ensino.

Por fim, questiona-se: em que consistiria o dilema da Didática da Filosofia? A questão da Didática da Filosofia assemelha-se à questão da Didática Geral, isto é, deixar bem delimitada a demarcação no que tange a organização da ação pedagógica e o modo que o conteúdo é apresentado no processo de ensino e

aprendizagem. Como se dá a distância em relação à Didática Geral, ou seja, a diferenciação? Conforme afirmado ao longo do estudo aqui apresentado, a resposta está no modus Operandi: a Filosofia é

constituída de regras, seu aprendizado também. O conjunto dessas regras constituem a sua didática propriamente dita.

5. REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Pereira Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia** – um livro para professores. São Paulo: Alta Mídia e Educação, 2009.

BRAGA, Alessandra Nascimento; BRAGA, Aline Nascimento; BRAGA, Lélío Favacho; ALVES, M^a Gilvania da Silva. **Educação e Desenvolvimento Econômico**: uma análise sobre a teoria do capital humano – breves reflexões. Disponível no site < file:///C:/Users/aless/Downloads/308-1645-1-PB%20(1).pdf > ISSN 2238-5819, Guaratinguetá (SP), v.10, n.1 – Jun. Revista Científica On-line Tecnologia – Gestão – Humanismo, 2020.

BRAGA, Lélío Favacho. **Impactos da aprendizagem da filosofia no ensino médio sobre a formação filosófica do pedagogo**: um estudo de caso na UFPA. 2017. 153 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo.

-----, O Caráter Formativo da Educação Filosófica como Reinvenção dos Conceitos Filosóficos em Guillermo Obiols. In: **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.24, n.1, p.32-39, jan.-jun, 2015.

COSTA, M. C. V. **Trabalho Docente e Profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

CHAUÍ, M. Ensinar, Aprender, Fazer Filosofia. **Revista do ICHL**, v. 2, n. 1, p. 1-10, 1982.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à práticas Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

ASPIS, Renata Pereira Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia** – um livro para professores. São Paulo: Alta Mídia e Educação, 2009.

BRAGA, Alessandra Nascimento; BRAGA, Aline Nascimento; BRAGA, Lélío Favacho; ALVES, M^a Gilvania da Silva. **Educação e Desenvolvimento Econômico**: uma análise sobre a teoria do capital humano – breves reflexões. Disponível no site < file:///C:/Users/aless/Downloads/308-1645-1-PB%20(1).pdf > ISSN 2238-5819, Guaratinguetá (SP), v.10, n.1 – Jun. Revista Científica On-line Tecnologia – Gestão – Humanismo, 2020.

BRAGA, Lélío Favacho. **Impactos da aprendizagem da filosofia no ensino médio sobre a formação filosófica do pedagogo**: um estudo de caso na UFPA. 2017. 153 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo.

_____. O Caráter Formativo da Educação Filosófica como Reinvenção dos Conceitos Filosóficos em Guillermo Obiols. In: **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.24, n.1, p.32-39, jan.-jun. 2015.

COSTA, M. C. V. **Trabalho Docente e Profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

CHAUÍ, M. Ensinar, Aprender, Fazer Filosofia. **Revista do ICHL**, v. 2, n. 1, p. 1-10, 1982.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à práticas Educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

GADOTTI, M. **Convite à Leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GHIRALDELLI JR., Paulo. A filosofia e sua Didática. In: **Revista Educação** v. 27, n. 2, jul./dez. Santa Maria - RS, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. 5ª edição. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: velhos e novos temas**. Goiânia: Edição do Autor, 2002.

LORIERI, Marco Antônio. **O Ensino de Filosofia na Educação Básica: dificuldades e perspectivas**. Acesso: 23 de janeiro de 2015. <https://filosofiapibidufabc.files.wordpress.com/2011/09/lorieri-filosofia-na-educac3a7c3a30-bc3a1sica-2010.pdf>. Disponível: 05 setembro de 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia, Exercício do Filosofar e Prática Educativa. **Em Aberto**, Brasília, ano 9 n 45 jan. - mar. 1990.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A Filosofia na Formação do Adolescente no Ensino Médio. In: **Filosofia e Educação - Temas de Investigação Filosófica**. Coleção: Biblioteca de Filosofia e Educação Filosófica – Coord. Geraldo Balduino Horn. Curitiba/PR: Juruá, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Do Ensino da Filosofia: estratégias interdisciplinares. **Educação em Revista**, Marília, v. 12, n. 1, p. 81-96, jan./jun. 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Formação Política do Adolescente no Ensino Médio: a contribuição da Filosofia. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 1 (61), jan./abr. 2010.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Práxis**, 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1977.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Loyola, 2014.